

AO DEITAR-ME EM MEU LEITO

DIANA DWAN POOLE

Quando garota, queria ser médica, mas não tinha dinheiro suficiente para pagar a faculdade de Medicina. Assim, fui fazer Enfermagem. Em 1966, no último ano, uma pessoa encarregada de recrutar profissionais para o Exército foi fazer uma palestra na escola. Tudo parecia tão emocionante: eu teria a chance de trabalhar, seria bem paga e, o mais importante de tudo, não teria de ir para o Vietnã se não quisesse - e eu não queria.

Eu me alistei. Depois de um treinamento básico, fui designada para o Hospital Letterman, em Presidio, São Francisco.

Durante os dois anos em que trabalhei lá fui chamada para ir ao Vietnã três vezes. Nas duas primeiras me recusei, mas na terceira achei que estava preparada para aquela experiência.

Pousamos na Base Aérea de Tan Son Nhut e, quando a porta do avião se abriu, quase caí para trás tal o calor e o mau cheiro. De repente, percebi que, aos vinte e três anos, não conhecia muita coisa da vida. Fiquei com medo, mas não havia como desistir.

Depois de uma entrevista, fui designada para o Septuagésimo Sétimo Hospital Evac, em Qui Nhon. Quando o helicóptero pousou na pista do hospital, puseram minhas coisas no chão. Desci, segurando a saia. Os soldados no helicóptero gritaram: "Boa sorte, capitão", enquanto decolavam.

Eu estava com meu uniforme classe A, o que significava que estava também de meias de náilon e salto alto. Nada menos adequado para o ambiente. Quilômetros de arame farpado, a parte de cima em espiral, rodeavam o complexo do hospital e o campo de pouso ao lado. Empinei os ombros e entrei no soturno prédio de concreto à minha frente. Disseram-me para dormir um pouco, pois começaria no dia seguinte. Foi bom dormir e, pela manhã, vesti uniforme e botas do Exército, exatamente como os soldados. Era a roupa que usaria no hospital.

Como eu era capitão, fui designada enfermeira-chefe na ala da ortopedia, que basicamente abrigava soldados com amputações traumáticas. Levei meu papel a sério e tinha reputação de rígida.

Ter sido enfermeira nos Estados Unidos por dois anos não me preparou adequadamente para o Vietnã. Testemunhei um enorme sofrimento e vi muitos homens morrerem. Uma de minhas regras era que às enfermeiras não era permitido chorar.

Os homens feridos e à beira da morte que estavam sob nossos cuidados precisavam de nossa força, eu lhes dizia. Não podíamos nos dar ao luxo de dar vazão aos nossos sentimentos.

Por outro lado, eu era sempre direta com os soldados.

Nunca dizia: "Ah, você vai ficar bom", se isso não fosse verdade.

Eu não mentia.

Mas me lembro de um garoto a quem eu não queria contar a situação real. O soldado, muito ferido, não podia ter mais de dezoito anos. Vi

imediatamente que não havia mais nada a fazer para salvá-lo. Ele jamais gritou ou se queixou, mesmo quando estava sentindo muita dor.

Um dia ele me perguntou:

- Eu vou morrer?

- Você acha que vai? - eu respondi.

Ele disse:

- Acho que sim.

- Você sabe rezar? - perguntei.

- Eu sei "Ao Deitar-me em Meu Leito".

- Ótimo.

Quando me pediu para segurar sua mão, alguma coisa estalou em mim. O garoto merecia mais do que uma mão que apertasse a sua.

- Vou fazer melhor do que isso - eu lhe disse.

Sabia que podia ser criticada pelas enfermeiras, pelos soldados e pelos pacientes, mas não me importei. Não havia ninguém olhando e me deitei na cama com o soldado. Pus meus braços à sua volta, tocando seu rosto e seu cabelo enquanto ele se aninhava no meu colo. Beije seu rosto e juntos recitamos:

"Ao deitar-me em meu leito, peço ao Senhor que guarde a minha alma.
Se eu morrer antes de acordar, peço a Deus que cuide da minha alma. "

Então ele me olhou e disse apenas mais uma frase: "Amo você, mamãe, amo você", antes de morrer nos meus braços, calma e tranquilamente, como se estivesse mesmo indo dormir.

Depois de um minuto, saí furtivamente da cama e olhei à volta. Tenho certeza de que meu rosto estava com a fisionomia fechada, pronta para enfrentar qualquer um que me recriminasse. Mas eu não precisava ter me preocupado. Todas as enfermeiras e os outros soldados que ali serviam tinham quebrado a minha regra e estavam chorando, silenciosamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Pensei na mãe do soldado morto. Ela receberia um telegrama informando-a de que o filho morreria de "ferimentos de guerra". Só isso estaria no telegrama. Imaginei que ela ficaria para sempre querendo saber o que acontecera. Será que ele morreria no campo de batalha? Havia alguém com ele? Será que sofreu? Se eu fosse sua mãe, ia precisar saber.

Assim, mais tarde, eu me sentei e lhe escrevi uma carta.

Achei que ela gostaria de saber que, nos últimos momentos, o filho pensara nela. Mas, principalmente, queria que soubesse que o filho não morreria sozinho.

Todos aqueles soldados pertencem a alguém.

Eles têm pai, mãe, mulheres, filhos...

Têm alguém que os ama.

LIZ ALLEN, enfermeira no Vietnã